

A Linguística além da descrição, além do ensino, além de si mesma

Linguistics beyond description, beyond teaching, beyond itself

José Sueli de Magalhães¹
Universidade Federal de Uberlândia
mgsjose@gmail.com

Resumo: A história da Linguística documenta que o interesse pelos meandros da linguagem advém de tempos remotos, coincidindo com a própria história do pensamento clássico, uma vez que, ainda na antiguidade greco-romana, reflexões acerca da linguagem, sua estrutura, seu funcionamento, seus usos são registrados. Bem mais tarde, no início do século passado, o estudo da linguagem tornou-se reconhecido como científico; a linguagem tornou-se o alvo de uma ciência bem definida, com método e objeto próprios: a Linguística. Mais adiante, a Linguística Aplicada surge com um novo olhar sobre a linguagem, inicialmente voltado ao ensino, para, em seguida romper qualquer tipo de barreira que ousasse limitar seu campo de atuação. No Brasil, a criação de Programas de Pós-Graduação, na segunda metade do século XX, fomentou o interesse pelas pesquisas em Linguística Aplicada e alicerçou sua área de abrangência em terreno fértil e sólido, porém, não estagnado. Em vista disso, este artigo, um pretense ensaio, objetiva, essencialmente: i) apresentar um retrospecto geral que localize, historicamente, a Linguística Aplicada no campo dos estudos da linguagem, ii) fazer uma fotografia desta área no sistema brasileiro de Pós-Graduação com o propósito de situá-la na contemporaneidade e, então, iii) vislumbrar os novos horizontes, pluridimensionais, que se descortinam diante de uma linguística que vai muito além da descrição, além do ensino e além de si mesma.

Palavras-Chave: Pós-Graduação; Linguística Aplicada; horizontes pluridimensionais.

Abstract: The history of linguistics documents that the interest in the intricacies of language comes from ancient times, coinciding with the history of civilization itself, since even in classical antiquity, reflections on language, its structure, its functioning, its uses are reported. Much later, at the beginning of the last century, the study

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia; Coordenador Adjunto da área de Letras e Linguística da CAPES.

of language became recognized as scientific; language has become the target of a well-defined science with its own method and object: Linguistics. Further, Applied Linguistics emerges as a new look, initially geared towards teaching, to then break through any kind of barrier that dared to limit its field of action. In Brazil, the creation of postgraduate programs in the second half of the twentieth century fostered interest in Applied Linguistics research and grounded its area in fertile and solid, but not stagnant, terrain. Therefore, this article, an alleged essay, essentially aims to: i) present a general retrospective that historically locates Applied Linguistics in the field of language studies, ii) take a photograph of this area in the Brazilian postgraduate system with the purpose of situating it in contemporaneity and, then, iii) glimpse the new, multidimensional horizons that unfold in front of a linguistic that goes far beyond description, beyond teaching and beyond itself.

Keywords: Postgraduate studies; Applied Linguistics; multidimensional horizons.

Introdução

Embora esteja registrado em diferentes compêndios de história da Linguística que esta passou a ser considerada ciência no início do século XX, com a publicação do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, o interesse sistemático pela língua e pela linguagem remonta a antiguidade. Para ficar apenas com alguns exemplos, retomamos a Babilônia Antiga, século 1900 aC a 400 dC, período em que documentos escritos caracterizados por textos religiosos, listas administrativas, inventários e receitas já preconizavam paradigmas gramaticais como diferentes formas de dizer a mesma coisa, em especial circunscritos aos verbos. No século 1200 aC, a tradição hindu trazia à tona estudos sobre o Sânscrito, a língua sagrada para os indianos, com a emblemática descrição de Panini, quando gramática era considerada a mais científica das ciências na Índia. Ainda no século 850 aC, a tradição Grega lançava olhares sobre a origem da mudança linguística e sobre a significação das palavras e das coisas. Surgem, pois, as primeiras gramáticas escolares com Platão e Aristóteles, refletindo sobre a origem da língua, suas categorias gramaticais e a relação entre língua e pensamento. Neste percurso histórico, coube aos estoicos pensar sobre a noção de sistema, querendo significar que a sabedoria é um todo, é um sistema, cuja divisão em partes somente era possível fazer didaticamente, segundo as necessidades do ensino, mas com a condição de compreender que cada parte é solidária às outras e que o abandono de uma só delas provocaria a ruína do conjunto. Neste momento, surgem questionamentos sobre a relação entre as palavras e o sentido, o que seria explicado pela “natureza” ou simplesmente por “convenção”. Por exemplo, no “Diálogo de Crátilo” (Platão), a natureza eram as palavras imitando as coisas que elas nomeiam; enquanto a convenção era invenção humana (Aristóteles) ou divina (estóicos), ou ainda a fusão do humano e do divino.

Ainda os Gregos, em seu afã de desvendar elementos gramaticais da língua, colocam em relevo a morfologia, como criação da estrutura das palavras (etimologia) e a sintaxe, esta responsável por estabelecer a relação entre nome e enunciado, o que equivaleria ao que se entende hoje por nome e

verbo, ou sujeito e predicado. Do lado dos romanos, coube a Varrão (116-27 aC) o papel de continuar a tradição grega, destacando a morfologia, já com a declinação dos nomes e as conjugações verbais.

Caminhando para a era moderna, cumpre destacar a Gramática de Port Royal, no século XVIII, em que Antoine Arnauld e Claude Lancelot pensavam na possibilidade de uma gramática para todas as línguas. Conceber – formar um conceito –, julgar – afirmar coisas a respeito dos conceitos – e raciocinar – fazer um julgamento a partir de julgamentos já estabelecidos – eram os fundamentos filosóficos reinantes. Nesse sentido, a gramática seria capaz de revelar a unidade subjacente a todas as línguas e sua potencialidade em expressar e comunicar o pensamento humano. Segundo os autores, haveria dois tipos de categorias vocabulares: os objetos do pensamento – nomes, artigos, pronomes, participípios, preposições e advérbios – e o modo do pensamento, ou seja, verbos, conjunções e interjeições. Esse raciocínio de Arnauld e Lancelot, por certo, suscita uma conexão com que se veria no desafio formal-gerativista apurado por Noam Chomsky, a partir da segunda metade do século XX.

Antes, porém, de chegar a século XX, cumpre colocar em relevo a grande preocupação com a mudança linguística, ainda que particularizada como mudança fônica, empreendida no século XIX. Com o objeto de mapear a genealogia das línguas, e de encontrar regularidades de mudança por meio do método comparativo, remetemos à Lei de Grimm (1822), formulada por Jakob Grimm, como sólida fonte de argumentos para tratar a mudança com foneticamente regular. O grande achado de Grimm está na mudança consonantal do Proto-Indo-Europeu para o Proto-Germânico, que teria ocorrido de maneira regular e ininterrupta, como se nota a seguir (Campbell, 2003, p. 90):

/p/ /t/ /k/	>	/f/ /θ/ /h/
/b/ /d/ /g/	>	/p/ /t/ /k/
/bh/ /dh/ /gh/	>	/b/ /d/ /g/

Nesta mesma direção, surgem os Neogramáticos, já final do século XIX, preconizando que a mudança linguística (sonora) é regular e sem exceções, sendo condicionada apenas por fatores fonéticos (leis fonéticas) e que ela se dá de modo foneticamente gradual e lexicalmente abrupto. Entre os neogramáticos, estão Karl Brugmann, Herman Osthoff, Herman Paul e o próprio Ferdinand de Saussure. Ainda que, no começo do século seguinte, Saussure (2006) apresentasse a descrição sincrônica como base para a ciência linguística, o pensamento neogramático acerca da mudança não arrefece. Tal pensamento vai ser mais fortemente questionado apenas após a segunda metade do século passado, quando os chamados difusionistas (Wang e Cheng, 1977) se contrapõem aos neogramáticos, afirmando que as mudanças linguísticas são lexicalmente graduais e foneticamente abruptas. Nesses termos, cada palavra teria sua própria história.

Conforme já referido no início desta seção introdutória, a Linguística teve seu reconhecimento como ciência a partir de 1916, após a publicação do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, que, elencando contrapontos dicotômicos do tipo língua & fala e forma & substância, traz à tona a descrição sincrônica, rompendo com o historicismo comparativista do

século anterior. Neste mesmo período, despontaram estudiosos, advindos de diferentes escolas europeias, que contribuiriam sobremaneira para a descrição linguística que viria *a posteriori* e que, ainda hoje, são basilares para o pensar sobre a linguagem. Da Escola de Kazan (Rússia), Baudouin de Courtenay apresentou os primeiros conceitos de fonema, vislumbrando também proposições sólidas acerca do morfema, do grafema, do traço distintivo e da ideia de alternância. Da escola de Genebra (Suíça) surge o maior nome da época, Ferdinand de Saussure, com intensas reflexões sobre a estrutura linguística: o signo linguístico, a língua como um sistema de relações, bem como as dicotomias acima referidas. Da escola de Praga, na antiga Tchecoslováquia, vem os nomes de Roman Jakobson e de Nicolay Trubetskoy, a quem devemos importantes estudos na linha da fonologia, com destaque aos traços distintivos, à noção de marcação, bem como *insights* funcionalistas do tipo tópico e comentário e universais implicacionais.

Essa fase inicial da Linguística, a nova ciência surgida na Europa cujo objeto de estudo é a língua, tornou-se conhecida como Estruturalismo, o qual se estende ao continente americano. Do lado das Américas, Franz Boas, tido como o fundador da linguística e da antropologia americana, trouxe à luz a episteme mentalista e o chamado relativismo linguístico, pensamento filosófico que se caracteriza por evitar generalizações; cada língua, cada cultura deve ser descrita em seus próprios termos, com informações internas à língua e à cultura, ou seja, tudo é relativo, nada deve partir de generalizações. Portanto, o que é significativo em uma língua pode não ser em outra.

Discipulo de Boas, Edward Sapir, juntamente com Benjamin Worf formulam a conhecida hipótese Sapir-Worf, segundo a qual a língua que falamos é capaz de moldar a maneira como vemos e pensamos a realidade. Apesar das grandes contribuições de Boas, Sapir e Worf, talvez o maior expoente do Estruturalismo americano seja Leonard Bloomfield, estudioso de línguas ameríndias e proponente do chamado distribucionalismo linguístico. Bloomfield traz para a linguística as ideias de Burrhus Frederic Skinner, sustentadas no comportamentalismo, ou behaviorismo, desenvolvendo ideias acerca da aquisição da linguagem com base em estímulo-resposta.

O grande contrapeso a esse pensamento comportamentalista de Bloomfiel-Skinner veio com o advento da linguística sintática, com Noam Chomsky, e a inauguração do Gerativismo. Desafiando o behaviorismo, Chomsky (1978) argumenta em favor da tese do inatismo, segundo a qual o indivíduo já nasce provido da capacidade de aprender uma língua. Propõe também a Gramática Universal, sustentada na relação dicotômica entre competência & desempenho. Eis que surge, então, uma linguística puramente formal, racionalista e voltada ao pensamento.

Esta rápida contextualização do percurso histórico dos estudos ou reflexões sobre a língua, sua natureza, sua estrutura e de como se constituiu a ciência linguística teve o propósito de assegurar que esta nova ciência, assim considerada há pouco mais de cem anos, tem instigado filósofos, antropólogos e curiosos deste a antiguidade. Feito isso, este artigo, um pretense ensaio, tem como objetivo primeiro situar a Linguística Aplicada no percurso histórico dos estudos linguísticos, objeto da próxima seção, para, em seguida traçar um perfil geral da Linguística Aplicada na Pós-Graduação brasileira e, finalmente, apontar algumas perspectivas futuras e horizontes abertos por e para esta disciplina como meta de investigação, sempre multirramificada e de forma pluridimensional.

A Linguística além do ensino, além da descrição, além de si mesma

Diante do contexto histórico exposto até aqui, pergunta-se: onde está a Linguística Aplicada? De acordo com Rees-Miller (2003), o termo Linguística Aplicada data dos anos 40 do século passado nos Estados Unidos e já era associado ao ensino e aprendizagem de língua, com papel fundamental da Universidade de Michigan e a publicação do periódico *Language Learning: a Journal of Applied Linguistics*. Nos anos 50 do mesmo século, foi criada a Escola de Linguística Aplicada da Universidade de Edinburgo, objetivando o treinamento de professores para aplicar os princípios da Linguística à prática pedagógica. Nesta mesma época, foi fundado em Washington o Centro para a Linguística Aplicada (*Center for Applied Linguistics*) com o objetivo de aprimorar o ensino da língua inglesa e conduzir pesquisas em processos educacionais relacionados à língua em uso.

Nas décadas seguintes, surgiram Associações, como a AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada - 1973) e Publicações como a *Applied Linguistics* (1980), o que levou o campo de atuação da Linguística Aplicada para muito além do ensino de língua.

No Brasil, conforme Matos (1976 *apud* Cavalcanti, 2004), a Linguística Aplicada, doravante LA, surgiu nos anos 60 do século passado. Dois grandes nomes já ganhariam destaque na área, documenta Cavalcanti (2004). Um deles é o Prof. Gomes de Matos (UFPE), que neste período já mantinha contato direto com a Universidade de Michigan; o outro, a Prof. Maria Antonieta Alba Celani, que em 1971 criou o programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Assim como em outros países do mundo, também no Brasil, no começo a LA era sinônimo de ensino de inglês como língua estrangeira, embora o recém criado Programa de Pós-Graduação da PUC-SP já tratasse do Português como L1, dentro dos aportes da LA.

Ainda conforme Cavalcanti (2004), os anos 80 do século XX foram de grande avanço da LA no Brasil, com inúmeros pesquisadores debruçando-se sobre o tema. Surgem, pois, periódicos como a revista D.E.L.T.A. (Documentos de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), em 1982, e a Linguística Aplicada, em 1983. Neste mesmo período, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) inaugura o segundo programa de Pós-Graduação em LA do Brasil.

No ano de 1990, é fundada a Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB) e, periodicamente, passou-se a realizar o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), reunindo pesquisadores de diferentes níveis e de diferentes partes do Brasil e de outros países. Novas conquistas foram surgindo, como a inserção da disciplina Linguística Aplicada nos Cursos de Graduação. Daí em diante, grupos de pesquisa, publicações de livros, novos periódicos e a ramificação de diferentes estudos avançaram e solidificaram a LA como uma importante área do conhecimento com pesquisas inter/multi/transdisciplinares e não mais apenas a tentativa de aplicação de teorias linguísticas². Fica para trás a ideia de uma Linguística voltada para o ensino ou com a ideia miúda de aplicação de alguma teoria, para dar lugar a um novo matiz que vai muito além da descrição, do ensino e até de si mesmo. Consolida-se, pois, a Linguística Aplicada.

² Mais informações sobre a cronologia e a consolidação da LA no Brasil estão em um interessante artigo publicado na revista HELB (História do Ensino de Línguas no Brasil), antecedido por um diálogo entre Almeida Filho e Matos (2012).

A Linguística Aplicada e sua presença na Pós-Graduação brasileira

Tendo-se solidificado em suas próprias bases e diretrizes, a LA, já nos anos de 1970, começou a formar, no Brasil, recursos humanos capazes de promover investidas e dar visibilidade às pesquisas e atividades que se alastrariam rapidamente e alavancariam os estudos feitos no país para além das fronteiras nacionais. Neste ponto, cumpre retomar o Primeiro programa de Pós-graduação *scritto sensu* em Linguística Aplicada, que data de 1970, na PUC-SP, instituição que, dez anos depois, em 1980, cria o Programa de Doutorado o qual, a partir de 1997, passou a se chamar Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). A menção a este Programa se faz obrigatória por sua importância como fundador da LA como curso *stricto sensu*, tornando-se inspiração para que outros programas fossem criados. Hoje, o LAEL possui uma área de concentração³ - “Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem” - e quatro linhas de pesquisa, a saber: i) Linguagem e Educação, voltada para estudos da linguagem em contexto escolar e práticas sociais, e para questões discursivas e educacionais; ii) Linguagem e Patologias da Linguagem, direcionada para estudos sobre a fala, questões de aquisição, patologias e clínica da linguagem; iii) Linguagem e trabalho, tratando da linguística sistêmico-funcional, análise crítica do discurso e linguística de corpus, e estudos textuais em abordagens enunciativas; e iv) Linguagem e tecnologia, englobando cinco vertentes: tecnologias de fala e suas aplicações; tecnologia aplicada ao ensino-aprendizagem de línguas; uso de corpora na análise e ensino de línguas; formação de professores em/para contextos mediados pelo computador e pela Internet; e linguística forense.

Esta breve descrição do Programa da PUC-SP revela com clareza os desafiantes caminhos trilhados pela LA desde o seu surgimento. A empreitada assumida pela LA deixou, pois, para trás qualquer viés que ainda tentasse integrá-la apenas ao ensino e aprendizagem de línguas, ou mesmo a vazia relação oblíqua entre teoria e aplicação. O papel da LA na construção do conhecimento extrapolou os limites da aplicação teórica para lançar a si própria desafios que incorporam a inter, a multi e a transdisciplinaridade. Tracemos, pois, um panorama geral da LA na Pós-Graduação, sem qualquer preocupação em sermos exaustivos.

Além do LAEL da PUC-SP, há Programas de Pós-Graduação, cujo nome contém o termo Linguística Aplicada, em mais seis instituições de ensino brasileiras, a saber: UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), UECE (Universidade Estadual do Ceará), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), UnB (Universidade Nacional de Brasília), UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e UNITAU (Universidade de Taubaté).

Na UNICAMP, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, mestrado e doutorado, funciona com duas áreas de concentração⁴. A primeira, Linguagem e Educação, dedica-se aos estudos da linguagem no campo aplicado com ênfase no ensino de línguas materna, estrangeira e adicional; a segunda, Linguagem e Sociedade, é voltada aos estudos da linguagem no campo aplicado com ên-

³ Para maiores informações acerca do LAEL, sugerimos consultar: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>

⁴ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP, sugerimos consultar: www.iel.unicamp.br/br/content/lingu%C3%ADstica-aplicada. Acesso em 15 de setembro de 2019.

fase em práticas sócio-discursivas diversas. São quatro as linhas de pesquisa desenvolvidas, a saber: i) Linguagens e Tecnologias, com ênfase nos estudos da linguagem e sua relação com as diferentes mediações tecnológicas; ii) Linguagens e Educação Linguística, com ênfase em questões ligadas ao ensino-aprendizagem de línguas; iii) Linguagens, Culturas e Identidades, em que os estudos da linguagem são inter-relacionados com questões culturais e identitárias e iv) Linguagem e Tradução, trazendo à tona os estudos da linguagem com ênfase em teorias de tradução e análises de práticas tradutórias.

Na UECE, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, também com mestrado e doutorado, funciona com uma área de concentração, Linguagem e interação, sustentada no entendimento de que é “nas interações entre as pessoas em ambientes institucionalizados ou não que os problemas reais de linguagem acontecem no cotidiano”⁵. O desenvolvimento das atividades do programa se realizam em três linhas de pesquisa: i) Linguagem, Tecnologia e Ensino, com estudos sobre multiletramentos, considerando a multiplicidade cultural, linguística e discursiva; ii) Multilinguagem, Cognição e Interação, contemplando relações entre linguagem e cognição em diferentes perspectivas; e iii) Estudos Críticos da Linguagem, com olhar atento sobre as operações ideológicas do discurso e relações de poder.

Na UFRJ, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada, com mestrado e doutorado, funciona com base na área de concentração Interação e Discurso⁶, atribuindo ao fator discursivo a significação, as interações e as relações sociais, considerando, neste espectro, contextos sociais e históricos. As atividades de pesquisa se desenvolvem em três linhas, quais sejam, i) Discursos e Letramentos, investigando processos de interação com textos de diferentes tipologias dentro de contextos culturais complexos por meio de sistemas semióticos variados; ii) Discurso e Práticas Sociais, a qual se dedicam processos multisemióticos de produção, circulação, e interpretação de significado em contextos socioculturais móveis e dinâmicos; e iii) Discurso e Transculturalidade, debruçando-se sobre processos discursivos e experiências culturais em sua diversidade, entrecruzamentos e interpenetrações, considerando também a interação com alteridades histórico-culturais e linguísticas nas práticas de tradução, produção e interpretação textual.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNITAU, com mestrado, funciona com a área de concentração Língua Materna e Línguas Estrangeiras, visando à “formação teórico-crítica de educadores e pesquisadores em ensino e aprendizagem de línguas e áreas afins, e em estudos da linguagem e do discurso”⁷. As atividades do Programa são desenvolvidas a partir de três linhas de pesquisa: i) Ensino e Aprendizagem de Línguas, voltada ao papel da linguagem nos processos de ensino e aprendizagem de línguas materna e estrangeiras; ii) Formação de Professores de Línguas, em que se examinam processos de construção de conhecimento docente, relações entre cognição e afetividade no ensino e análise de materiais didáticos; e iii) Processos Discursivos da Linguagem Verbal

⁵ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, sugerimos consultar: <http://www.uece.br/posla/>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

⁶ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada da UFRJ, sugerimos consultar: <http://www.posl aplicada. letras. ufrj. br/pt/>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

⁷ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNITAU, sugerimos consultar <http://www.unitau.br/cursos/pos-graduacao/ciencias-sociais-e-letras/mestrado-em-linguistica-aplicada/>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

e Não Verbal, voltada para a análise dos processos discursivos da linguagem verbal e não verbal em diferentes suportes e modalidades

Na UnB, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, mestrado, funciona com base na área de concentração Práticas e Teorias no Ensino-aprendizagem de Línguas, e duas linhas de pesquisa⁸: i) Processos Formativos de Professores e Aprendizes de Línguas, focada nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação de línguas em diferentes contextos e ii) Língua e Cultura na Competência Comunicativa, voltando-se para a inter-relação e interdependência entre língua, cultura e identidades.

Por fim, na UNISINOS, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, com mestrado e doutorado, funciona com a área de concentração Linguagem, Tecnologia e Interação, propondo interfaces com as questões textuais, as tecnologias informáticas e as terminologias das linguagens especializadas. As atividades do Programa se desenvolvem em três linhas de pesquisa⁹, a saber: i) Interação e Práticas Discursivas, em que se investigam práticas discursivas sob a perspectiva da interação e como dimensão constitutiva do sujeito e do sentido; ii) Linguagem e Práticas Escolares, tratando de práticas discursivas e interacionais no contexto escolar, considerando o contexto histórico e sociocultural; investiga fenômenos linguísticos no âmbito do ensino e da aprendizagem de línguas, sob perspectivas teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista, Interacionismo Social, Interacionismo Sociodiscursivo e Novos Estudos de Letramento; e, iii) Texto, Léxico e Tecnologia, voltando-se para fenômenos linguísticos no âmbito do texto, em seus níveis macro e micro; do léxico e da Semântica Cognitiva, Semântica Computacional, Linguística de Corpus e Tradução, com ênfase também em seus aspectos culturais e tecnológicos.

Além desses Programas que se dedicam integralmente à LA, há outros com Área de Concentração e/ou Linhas de Pesquisa na área, reforçando seu avanço e o interesse de pesquisadores por ela. Para ficar apenas em alguns exemplos, vejamos dois Programas com nota máxima no sistema nacional de Pós-Graduação, e, por isso, considerados centros de excelência internacional em pesquisa. Na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), uma das áreas de concentração que abarca o mestrado e o doutorado recebe o nome de Linguística Aplicada e é sustentada por quatro linhas de pesquisa¹⁰, quais sejam: i) Ensino do Português; ii) Ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras; iii) Estudos da Tradução; iv) Linguagem e Tecnologia. Já na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a LA está amparada em uma linha de pesquisa que leva o nome de Linguística Aplicada, a qual se dedica a “temas, teorias e métodos de investigação em Linguística Aplicada; relações entre linguagem, aprendizagem e escolarização; uso da linguagem e interação em contextos sociais diversos; educação linguística; políticas linguísticas e educacionais¹¹”.

⁸ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB, sugerimos consultar <http://www.pgla.unb.br/index.php?lang=pt>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

⁹ Para maiores informações acerca do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, sugerimos consultar <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada/>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

¹⁰ Para maiores informações acerca da área de concentração em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, sugerimos consultar: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

¹¹ Para maiores informações acerca da linha de pesquisa em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, sugerimos consultar: <https://www.ufrgs.br/ppglettras/>. Acesso em 20 de setembro de 2019.

Como se vê, a LA não é apenas mais uma abordagem de investigação acerca das possíveis nuances que a Linguística possa apresentar em virtude do objeto de pesquisa centrado na linguagem. A LA incorporou elementos que vão muito além da linguagem e de seus atributos internos – estruturais e descritivos – e externos – sociais, políticos, ideológicos, etc – para se tornar uma instância acadêmico-científica que incorpora planos pluridimensionais em qualquer instância por que passa a linguagem. Seus avanços, sua solidez e seu foco de interesse não seguem um mapeamento cronológico, embora, como documentado acima, tenha surgido em meados do século passado. Suas bases unem passado, presente e futuro, fazendo-se pautar por atravessamentos e matizes que vão além do tempo, além da história, não estando encerrada em nenhuma espécie de limitação. Mas se a LA tem todo esse poder, é natural que se indague que rumos ela tende a seguir, quais seus horizontes. Em virtude do que apresentamos aqui, sugerimos na seção seguinte, os horizontes que se abrem em torno da LA.

Linguística Aplicada: horizontes

No decorrer do século XIX, os estudos linguísticos estiveram, de algum modo, presos ao mapeamento das semelhanças entre as línguas numa preocupação legítima de desvendar a história de cada uma, com o objeto de delinear a trajetória da mudança fônica e, assim, mapear árvores do desenvolvimento de uma língua mãe e suas línguas filhas. Assim foi até o início do século passado, quando a descrição sincrônica do sistema tomou forma. Mais adiante, a LA surge com seu viés atrelado ao ensino e numa tentativa de associar teoria e prática. Ainda neste século, há quem enxergue a LA nesta capsula revestida de ensino, teoria, aplicação, embora ela já esteja muito distante disso. Por exemplo, Rees-Miller (2003, p. 637) assume que “ao longo da história, a Linguística Aplicada tem permanecido na interface entre teoria e prática, uma posição difícil em que ela deve decidir se simplesmente traduz a teoria para a prática ou utiliza a prática para construir teoria”.

Esse pensamento de Rees-Miller (2003), passadas menos de duas décadas, tornou-se datado, em todos os sentidos. A justificativa para esta afirmação se encontra nos caminhos já trilhados pela LA e pelos horizontes que se delineiam. Sem a pretensão de estabelecer um panorama exaustivo, apresentamos a seguir aquilo que acreditamos serem possíveis horizontes da LA que os Programas de Pós-Graduação do Brasil têm feito despontar, a partir de trabalhos intensos voltados para investigação dentro dos parâmetros fornecidos pela LA. Em nossa proposta, dividimos esses horizontes em três eixos: i) Linguagem e Tecnologia; ii) Ensino/Aprendizagem de Línguas e iii) Pluralidade das Competências Humanas.

Linguagem e Tecnologia

Neste primeiro eixo, a LA faz despontar, à frente do seu tempo, o papel da tecnologia como mediadora da organização da linguagem em geral, bem como as práticas de linguagem em contextos imagináveis; a linguagem perpassando e perpassada por modelos de rede, ambientes digitais e gêneros imagináveis; a pluralidade cultural, social e os modos de vida traduzidos pela relação linguagem/tecnologia; práticas de ensino/aprendizagem por meio de recursos tecnológicos; o desenvolvimento de

softwares em parceria com outras áreas e disciplinas; a inserção social, diversidade cultural e inclusão auxiliadas por recursos tecnológicos intermeados por linguagens; proposições inovadoras e manifestações linguísticas promovidas por redes sociais tais como: *Facebook, Instagram, Twitter*, Grupos de *Whastapp, Telegram*, entre outros; novas formas de manifestação e usos da linguagem: os memes, as *hashtags*, os *emojis*, as figurinhas (*stickers*), aplicativos, etc.; novas formas de interação social e usos de linguagens: jogos virtuais, aplicativos diversos como *Tinder, Grindr, Wase*, etc.

Ensino/aprendizagem de línguas

Neste segundo eixo, incorporamos a aquisição, a aprendizagem e o ensino de línguas como processos e mecanismos múltiplos, valendo-se, também, dos elementos apresentados no eixo anterior. E ainda: mediação e elaboração de instrumentos didáticos (ou não) para o ensino/aprendizagem de línguas em ambientes imagináveis; ensino de línguas como forma de inclusão social, e a inclusão social como meio de aprendizagem; o ensino do português como L1 e como língua estrangeira sob a perspectiva de quem ensina e de quem aprende; processos de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem – língua materna, línguas adicionais e outras linguagens –; processos de tradução em sentido amplo, abarcando a transversalidade interlinguística, intralinguística, microestrutural, macroestrutural, multissistêmica, pluridimensional; incorporação de teorias de tradução, práticas tradutórias, mas com interface com mecanismos dispostos no eixo anterior.

Pluralidade das competências humanas

Neste terceiro e último eixo, incorporamos inúmeras dimensões em que se possa enxergar a pluralidade das competências humanas, incluindo as dimensões comunicativa, cognitiva, social, cultural, política, ideológica, histórica, etc, uma vez que entendemos que nenhuma dessas dimensões é independente. Daí surge a exploração do conhecimento linguístico e do conhecimento cultural do indivíduo, como processos sociais internos e externos a ele; múltiplas formas de linguagens e processos discursivos, os quais se estendem da linguagem verbal e não verbal a fontes diversas de materialidade e que incorporam a inclusão social por meio de línguas de sinais, linguagem em braile, outras formas de interação por sinais; linguagem literária moderna, clássica, variação linguística, sincronia, diacronia, e gêneros imagináveis; o universo da pesquisa narrativa, incorporando a vida na linguagem e a linguagem na vida; manifestações e emprego da linguagem em diferentes gêneros; letramento que avance sobre várias formas de manifestação e utilização de códigos; leitura e interpretação da realidade em seus movimentos ininterruptos como construção e recepção de sentidos; formação profissional em todos os setores, já que a linguagem se interpõe em qualquer setor que se possa imaginar.

Considerações finais

Tendo em vista todo o contexto histórico em que se instaura o interesse pela linguagem, as vertentes contemporâneas em que se circunscreve a LA, bem como os horizontes acima traçados, pode-

mos afirmar, sem temor de incorrer no erro, que a Linguística Aplicada possa ser bem definida como livre, no melhor e mais amplo sentido que esta palavra pode apresentar. Nesta mesma direção, Celani (2016, p. 546) faz ecoar as palavras de Moita-Lopes (2006), concordando com este autor que a LA “é mestiça, nômade, explode a relação teoria e prática, não quer adotar ou construir teorias sem considerar as vozes dos que vivem as práticas sociais, compreende os novos tempos. É INdisciplinar.”

Por fim, revalidamos a palavras de Strevens (1980 *apud* Cavalcanti, 1986), quando o autor apontava que a LA procura intravisiões de toda e qualquer fonte e, embora a LA, seja essencialmente multidisciplinar, devido à natureza variada de suas preocupações, sua teoria e metodologia não são monopolizadas por nenhuma área de investigação, nem mesmo a Linguística. Dessa forma, reafirmamos aquilo que se estampou no título deste texto: tem-se aqui a Linguística além da descrição, além do ensino, além de si mesma.

Referências

- ALAB. Associação de Linguística Aplicada do Brasil. 2019. *Home*. Disponível em: <https://alab.org.br/>. Acesso em: 30/09/2019.
- CAMPBELL, L. 2003. The history of Linguistics. *In*: J. REES-MILLER; M. ARONOFF (orgs.), *The handbook of linguistics*. London, Blacwell Publishing, p. 81-104. <https://doi.org/10.1111/b.9781405102520.2002.00006.x>
- CAVALCANTI, M. 1986. A propósito de linguística aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 7(2):5-12.
- CAVALCANTI, M. 2004. Applied linguistics - Brazilian perspectives. *The Annual Review of Applied Linguistics*, 17:23-30. <https://doi.org/10.1075/aila.17.05cav>
- CELANI, M.A.A. 2016. Um desafio na linguística aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. *D.E.L.T.A.*, 32(2):543-555. <https://doi.org/10.1590/0102-445081919576720433>
- CHOMSKY, N. 1978. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra, Armênio Amado Ed., 372p.
- IEL. Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. 2019. *Linguística aplicada*. Disponível em: www.iel.unicamp.br/br/content/lingu%C3%ADstica-aplicada. Acesso em: 15/09/2019.
- MATOS, F.G. 2012. 1965/1975: dez anos de linguística aplicada no Brasil. *Helb – História do ensino de Línguas no Brasil*, 6(6):1. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-6-no-6-12012/204-19651975-dez-anos-de-linguistica-aplicada-no-brasil>. Acesso em: 15/09/2019.
- MOITA-LOPES, L.P. 2006. *Por uma linguística aplicada (in)disciplinar*. São Paulo, Parábola Editorial, 279 p.
- PGLA. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB. 2016. *Home*. Disponível em: www.pgla.unb.br/index.php?lang=pt. Acesso em 15/09/2019.

POSLA. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. 2019. *Home*. Disponível em: www.uece.br/posla/. Acesso em: 15/09/2019.

POSLAPLICADA. Programa de Pós-Graduação em Interdisciplinar em Linguística Aplicada da UFRJ. 2019. *Sobre o programa*. Disponível em: www.poslapplicada.lettas.ufrj.br/pt/. Acesso em: 15/09/2019.

POSLIN-UFMG. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. *Home*. Disponível em: www.poslin.lettas.ufmg.br/. Acesso em: 20/09/2019.

PPGLETRAS. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. 2019. *Home*. Disponível em: www.ufrgs.br/ppgletras/. Acesso em: 20/09/2019.

PUC-SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018. *Linguística aplicada e estudos da linguagem*. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>. Acesso em: 15/09/2019.

REES-MILLER, J. 2003. Applied linguistics. In: J. REES-MILLER; M. ARONOFF (orgs.), *The handbook of linguistics*. London, Blacwell Publishing, p. 636-646.

SAUSSURE, F. 2006. *Curso de linguística geral*. 26ª ed. São Paulo, Cultrix, 278 p.

UNISINOS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2019. *Mestrado e doutorado em linguística aplicada*. Disponível em: <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada/>. Acesso em: 15/09/2019.

UNITAU. Univeridade de Taubaté. 2019. *Linguística aplicada*. Disponível em: <http://www.unitau.br/cursos/pos-graduacao/ciencias-sociais-e-lettas/mestrado-em-linguistica-aplicada/>. Acesso em: 15/09/2019.

WANG, W.S-Y., CHENG, C-C. 1977. Implementation of phonological change: the Shuang-feng chinese case. In: W.S-Y. WANG (org.), *The lexicon in phonological change*. Mouton, The Hague, p. 148-158.

Recebido: 11/10/2019

Aceito: 08/11/2019